

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 47

Data: 03/07/77

Pg.:

Governo tentará impedir extinção da cultura carajá

ELIANA LUCENA
Da sucursal de BRASÍLIA

Aos olhos do visitante, parece desumano: numa pequena construção de alvenaria, onde está escrito "cadeia", os bêbados mais violentos são trancafiados pelos próprios companheiros até passar o efeito do álcool. Se não forem contidos, queimam as malocas e agredem seus companheiros, transformando a pequena vila num cenário de far-west. Estas cenas repetem-se a cada final de semana, em Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal, onde vivem os índios carajás, eles enfrentam um processo de desagregação tribal tão forte que levou o ministro do Interior a adotar na área um programa de desenvolvimento sócio-econômico, visando à sua recuperação, bem como a defesa de suas terras já invadidas por 20 mil intrusos, entre grandes fazendeiros e posseiros.

Alcoolismo e tuberculose são os problemas que mais fortemente atacam os carajás, calculados em 1.500, existindo ainda casos de prostituição, inclusive de índias que preferiram deixar a aldeia e agora vivem na pequena localidade de São Félix, às margens do rio Araguaia. Ao lado disso, verifica-se, especialmente entre os jovens, os efeitos da forte discriminação que sofrem pelo fato de serem índios.

Alguns, como reclama o cacique Arutana, não querem mais nem marcar o rosto com dois pequenos círculos que sempre caracterizaram a tribo dos carajás. E o que é mais grave, já começam a preferir as manifestações culturais da sociedade envolvente, como pôde ser comprovado durante os festejos do dia de índio, em abril, quando a partida de futebol despertou muito mais entusiasmo e emoção do que as lutas tradicionais.

Apesar das boas intenções manifestadas pelo Ministério do Interior e Funai, liberando uma verba de 10 milhões de cruzeiros para o projeto, permanece uma grande preocupação. O destino do majestoso hotel Juscelino Kubitschek, que depois da Revolução teve o seu nome mudado para John Kennedy, localizado bem próximo à aldeia dos índios.

Este mesmo hotel, quando há alguns anos recebia levas de turistas atraídos pelo exotismo da Amazônia, influiu decisivamente no processo de degeneração dos carajás. O contato indis-

criminado e a espoliação do índio deixaram marcas profundas. Hoje mais conscientes, alguns carajás chegam a exigir 300 cruzeiros por uma fotografia, denotando que já estão percebendo o quanto foram explorados no passado.

Durante algum tempo, o hotel foi administrado pela Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste — Sudeco, servindo como hotel de trânsito para os seus funcionários. Agora, ele está nas mãos da Goiasturismo, que poderá novamente reativá-lo, para desgosto do diretor do Parque Indígena do Araguaia, Sidney Possuelo, que prefere vê-lo administrado pela própria Funai, servindo para a realização de encontros e cursos de treinamento do pessoal ligado ao Ministério do Interior.

Ao lado desse problema, a Funai terá de desenvolver um programa visando a melhorar a imagem do índio junto às comunidades não índias da região, especialmente a de São Félix, onde o carajá, além de ser explorado, é visto como um povo sujo, preguiçoso e inferior. O bispo de São Félix, dom Pedro Casaldáliga, conta que os pais quando repreendem os filhos, sempre dizem: "Você está parecendo um carajá!"

"Essa discriminação constante, sem dúvida — afirma o bispo — contribuiu para o alto índice de alcoolismo verificado entre os índios e a prostituição, embora aqui na prelazia nós sempre tenhamos nos empenhado em mudar a imagem negativa do índio junto à população". Dom Pedro aponta ainda como influência negativa a Guarda Rural Indígena, que causou sérios transtornos não só no Bananal, mas nas outras comunidades onde chegou a ser instalada. A GRIN, como era conhecida, formou na própria comunidade indígena uma falsa liderança integrada pelos índios que eram contratados para o serviço.

Com autoridade policial, estes índios cometeram várias arbitrariedades, assumindo atitudes repressivas contra os próprios indígenas apesar de sua missão primordial ser exatamente a de proteger a comunidade do elemento não índio.

OS CACIQUES

O cacique Arutana, um dos mais idosos, fala com amargura da situação atual de sua tribo.

"Antes, a nossa vida era muito melhor, porque o carajá não tinha sido ainda estragado. Os índios andavam saudáveis e trabalhavam em paz. Depois, vieram as bebidas e as doenças e então o índio estragou. Quem trouxe a bebida para o índio foi a Fundação Brasil Central e, agora, é muito difícil fazer o índio deixar de beber".

Outro chefe, Maluaré, também concorda que, antes, "a vida do índio era muito melhor" mas tem uma visão realista do problema. "Não dá mais para o carajá ser como antigamente. Estamos agora cercados pelo branco e temos de viver com ele, comprar as coisas dele. Antes, a nossa vida era muito boa, mas agora nosso sentimento não é mais de índio só. A metade do sentimento é de índio e a outra metade de branco. Sinto que nós estamos atrasados. Além disso, a nossa terra está invadida e a Funai tem de ajudar a gente a colocar o fazendeiro para fora".

Ele usa dinheiro, sendo obrigado a adquirir as mercadorias para a sua subsistência em São Félix, onde os preços são exorbitantes. Basta o exemplo do café, que é vendido a 150 cruzeiros o quilo e, ainda assim, quando existe na praça.

"Aqui falta muita coisa — diz Maluaré — mas não é culpa dos funcionários da Funai que vêm ajudar a gente aqui, mas dos donos do dinheiro, que estão na cidade, pois é das cidades que eles ficam mandando nos índios".

Para conseguir o dinheiro que só agora está sendo realmente aplicado no Bananal com a liberação de uma verba inicial de 3 milhões de cruzeiros, os carajás vendem peixe em São Félix e seu apreciado artesanato. Agora, com o projeto, eles partirão para a comercialização do arroz já plantado em Santa Isabel, que deverá render, na primeira colheita, cerca de mil sacos.

DIAGNÓSTICO

O Projeto Bananal, o primeiro numa área indígena determinado pelo ministro do Interior, foi elaborado por uma equipe interdisciplinar que apontou os problemas mais graves enfrentados pelas quatro comunidades carajás e uma tapirapé que serão atendidas pelo projeto. Eles apontam como fatores desagregadores das comunidades carajás, especialmente de Santa Isabel do Morro, a influência perniciososa de contatos não controlados com a sociedade nacional, que os transformou em objetos de turismo, o alcoolismo e o abandono dos rituais com a consequente desmoralização da comunidade e o excesso de paternalismo, pois os índios se acostumaram a depender do governo, recebendo um pagamento da Funai em troca de um esforço fictício.

No posto Fontoura, os técnicos apontam uma realidade constatável. Os índios são explorados pela missão evangélica que os atende trocando o seu artesanato pelos produtos industrializados que são vendidos a preço acima do normal. No posto Macaúba, o problema mais grave é o de terra. Recentemente, quase explodiu um conflito armado, pois o IBDF, que transformou esta área em reserva florestal, quer impedir que os índios explorem a floresta para agricultura.

Os tapirapés também enfrentam graves problemas de terras, que foram tomadas pelas grandes empresas agropecuárias, como a Tapiraguaia. Por outro lado, estão se recuperando depois de um dedicado trabalho feito pelas Irmãs de Jesus, reconhecido como positivo pela própria Funai. Em poucos anos, a população tapirapé, que chegou a ser ameaçada de extinção, triplicou.

O posto indígena Canoana é o menos problemático. Ali os índios já estão desenvolvendo atividades agrícolas de forma sistemática e constituíram inclusive uma cooperativa para a comercialização dos seus produtos.

O sertanista Sidney Possuelo, nomeado recentemente para a direção do parque, acha que será uma tarefa difícil conseguir a liberação das terras dos carajás. Além da desproporção entre invasores e índios — os invasores somam 20 mil e os índios não chegam a 1.500 — há na ilha do Bananal grandes fazendas de gado, com rebanhos de mais de 150 mil cabeças.

O problema com o IBDF também é delicado. O órgão de proteção florestal argumenta que os índios depredam a mata quando a utilizam para a agricultura, enquanto a Funai defende que essas comunidades conseguem viver em harmonia com a natureza, retirando dela apenas o necessário para sua sobrevivência.

O parque indígena do Araguaia enfrentou, ainda nos últimos anos, um desfile de diretores despreparados; o último deles, Ubrajara Caiado, foi expulso pelos índios e ameaçado de morte, pois tentou combater o alcoolismo entre eles adotando medidas drásticas.

O novo programa, agora em fase de aplicação, tem como objetivo exatamente buscar a recuperação gradativa do carajá numa tentativa de colocá-lo em condições de competir em igualdade com o mundo civilizado.